

das. Quando estas são bem escolhidas e devidamente contrabalançadas (como acontece neste livro), apresentam-nos um teórico absorvido pelas suas questões mais agudas, mas também um homem atento, modesto, afável, enérgico e generoso.

Por tudo isto, e especialmente nos últimos tempos, temos de desculpar muitos dos eruditos, académicos, teólogos e universitários que raptaram São Tomás de Aquino e o levaram para os seus gabinetes. Como referiu Chesterton, o mundo tem um instinto para aquilo de que precisa: “as the eighteenth century thought itself the age of reason, and the nineteenth century thought itself the age of common sense, the twentieth century cannot as yet even manage to think itself anything but the age of uncommon nonsense. In those conditions the world needs a saint; but above all, it needs a philosopher” (G.K. Chesterton *Saint Thomas Aquinas* cap. I).

Contudo, neste livro, o resgate do Santo foi conduzido a bom termo. De facto, não nos é apresentado somente o professor incansável ou o génio intelectual produtor de Sínteses Teológicas. De facto, muitas são as obras que, ao pretenderem captar a personalidade de São Tomás de Aquino, nos oferecem apenas o retrato de um génio universitário na Idade Média. E neste caso

“têm razão, têm mesmo muita razão.” Todavia, há algo que lhes escapa. A vida de São Tomás de Aquino foi de facto uma vida de procura, de investigação e de partilha generosa e incansável do conhecimento, mas tal sucede a par de uma intenção firme de seguir literalmente os

passos de Jesus Cristo. E nesta linha, o livro de César das Neves facultava-nos uma outra dimensão da vida e obra do Doutor Angélico. Aqui se integram as pequenas orações, os dois distintos capítulos sobre a humildade, os relatos da vida de São Tomás que sublinham a sua piedade singela, constante e determinada, o tratamento de temas como Bem-Aventuranças, Cristo, Oração, Maria e até a referência à sensibilidade poética, à eloquência que presidiu à composição do Ofício da festa do Corpo de Deus.

Enfim, sem arriscarmos muito, consideramos que o autor deste livro (corrigindo levemente a afirmação de Chesterton) acredita que acima de tudo o nosso mundo necessita de um santo e de um filósofo.

Por razões bem distintas, o homem vulgar e o académico mais versado, ambos têm muito que aprender com a personagem principal de este livro.

\*DOUTORANDO DO INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS  
E DOCENTE DA FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA



**O Rapto do Santo**  
**João César das Neves**

Lisboa, Verbo, 2006

## Da Rússia, com Sabedoria

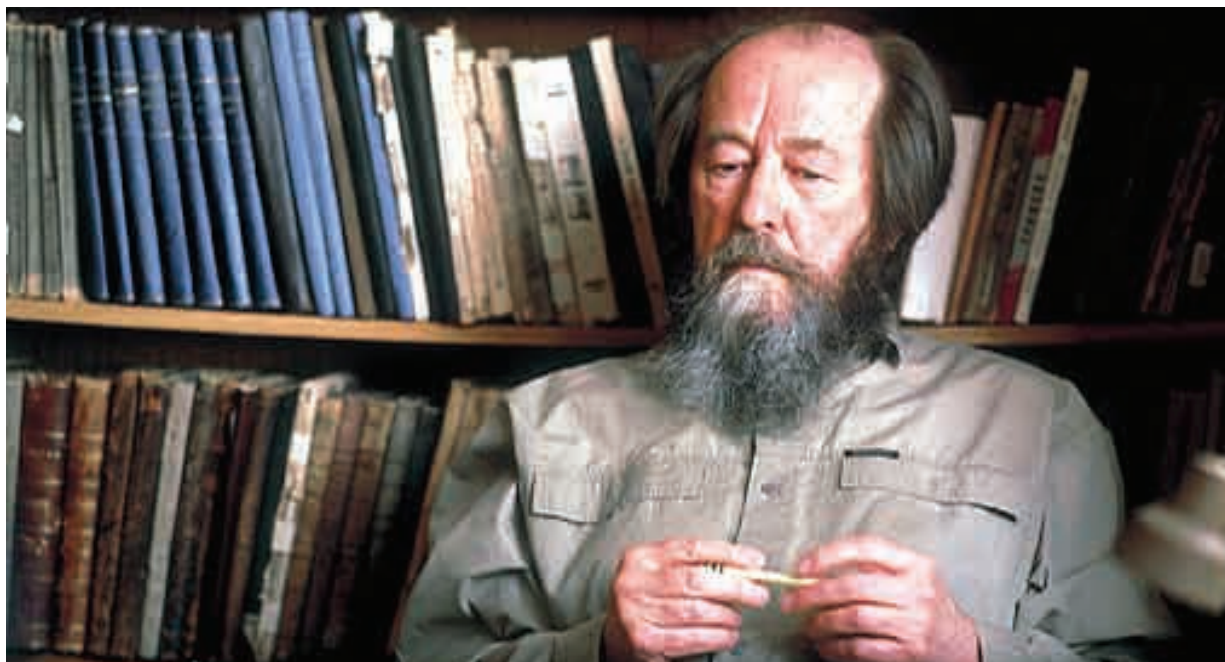
Hoje, quase ninguém contesta que Aleksandr Solzhenitsyn é uma das grandes personalidades da história intelectual do século XX. A publicação de uma compilação que reúne num só volume textos inéditos – bem como excertos das suas obras de referência – traduzidos para a língua franca do mundo que é o Inglês, representa por isso um notável momento editorial. Em particular, o público que não lê Russo agradece.

Em *The Solzhenitsyn Reader*, o leitor tem acesso, no mesmo volume, a poemas, excertos de obras extensas como *Pavilhão dos Cancerosos*, *A Roda Vermelha* ou *O Arquipélago do Gulag*, pequenos contos, ensaios e discursos do grande pensador Russo. Para além disso, a introdução à vida e pensamento de Solzhenitsyn, da autoria de Edward E. Ericson, Jr. e de Daniel J. Mahoney, é admirável pelo seu rigor, abrangência e entusiasmo. Pretende

igualmente ser uma defesa de Solzhenitsyn contra os seus críticos, nomeadamente os mais recentes.

Solzhenitsyn encabeça um longo exército de dissidentes do regime bolchevique e da sua infinita opressão, cuja manifestação mais subtil, mas nem por isso menos evidente, consistiu na corrupção da verdade e na mentira descarada. Porém, não se pode dizer que Solzhenitsyn tenha sido um dissidente igual aos outros. A sua crítica não visou somente a repressão desumanizadora e as violações grotescas da liberdade; Solzhenitsyn opôs-se ao totalitarismo em nome da recuperação da densidade espiritual da vida humana quando esta não é interpretada como “o centro da existência”. No centro da reflexão moral, política e estética do autor de *Um Dia na Vida de Ivan Denisovich* deparamos com a rejeição do “humanismo antropocêntrico” ou da ideia de que o homem cumpre a sua vocação e realiza a sua natureza fechado em si mesmo. O vazio espiritual não se preenche sem memória, e persiste se a abertura ao divino for negada.

Curiosamente, foi depois da queda da tirania bol-

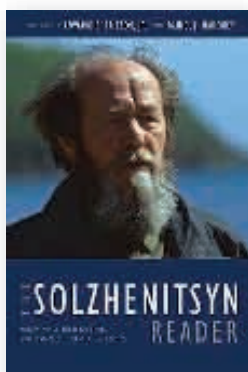


chevique que a reputação de Solzhenitsyn mais sofreu aos olhos de algumas pessoas que, diga-se, não mantêm qualquer simpatia com os seus antigos inimigos e cuja sinceridade na defesa da liberdade e da democracia é inquestionável. Em parte, isso deve-se ao facto de o pensamento de Solzhenitsyn ser complexo e, de certa maneira, incomparável. Com a dissolução do regime comunista e o desaparecimento da União Soviética no início da década de 90, Solzhenitsyn pôde finalmente abandonar o seu exílio no Vermont e regressar a casa. Fez sua a missão de contribuir para a urgente regeneração espiritual da Rússia. E a sua visão de uma Rússia orgulhosa de si, forte, que celebra as suas tradições e aprofunda a sua espiritualidade, provocou suspeitas entre muitos, que, com ligeireza, o acusaram de anti-semitismo, de obscurantismo e até de fascismo.

A tarefa de curar setenta anos do mais pesado e corrosivo totalitarismo será sempre difícil e prolongada. A natural desorientação que se segue gera sempre paixões e equívocos, o que não facilita a compreensão de uma obra que vai muito além do comentário à espuma dos dias. Por outro lado, Solzhenitsyn fala-nos numa linguagem que não conforta muitos dos intelectuais dos nossos tempos, e que sinaliza um modo de pensar e de existir que eles se esforçam por condenar. “Talvez”, disse Solzhenitsyn na palestra de aceitação do Prémio Nobel da Literatura, “a antiga trindade da Verdade, Bondade e Beleza não seja simplesmente a fórmula decorosa e

antiquada que nos pareceu no tempo da nossa juventude materialista e confiante”. Talvez a passagem d’*O Idiota de Dostoyevsky* “a Beleza salvará o mundo” seja mais, muito mais, do que um primor literário.

Mas, apesar de tudo, não deixa de ser estranho que, por exemplo, se denuncie Solzhenitsyn como um porta-voz tardio e reaccionário do pior pan-eslavismo do final do século XIX, quando muito do seu pensamento incide na conciliação necessária entre as regras morais universais, entre a “escala comum de valores” que reflecte a humanidade do homem, e as várias identidades culturais que fornecem o contexto espiritual imediato da existência humana. Não há dúvida que quem se dedica ao projecto da criação exclusivamente humana de um “sistema espiritual equilibrado”, não aceita que a conciliação seja possível ou sequer desejável. Mas não é enganador sugerir que o ónus da prova está do lado do filósofo isolado que confia com optimismo na possibilidade de o uso crítico da sua razão responder às aspirações mais profundas da alma humana. Nenhum desses filósofos, nenhum desses artistas “criadores de um mundo espiritual autónomo”, mesmo que seja um “génio mortal”, consegue suportar tamanho peso. O fiasco de projectos desse calibre encontra muitas vezes desculpas prontas, mas nem por isso razoáveis, como a frustrante impreparação do mundo ou a renitente ignorância do homem comum. Estas considerações de Solzhenitsyn não ficaram encerradas no ambiente da Guerra Fria, nem na polémica com o



**The Solzhenitsyn Reader**  
New and Essential Readings 1947-2005  
Edward E. Ericson, Jr., Daniel J. Mahoney, eds. Wilmington, ISI Books, 2006, 634 pp.

Marxismo; qualquer leitor reconhecerá que constituem um aviso sério que não podemos dispensar quando confrontamos os problemas do mundo actual.

As últimas palavras com que os compiladores decidiram fechar *The Solzhenitsyn Reader*, uma “Oração pela Rússia”, e que aqui reproduzo directamente do livro, são um testemunho eloquente da grandeza do homem. A escolha não é certamente desapropriada quando se comenta um livro sobre política, literatura, tirania e a alma humana. Por mais breves que possam ser as palavras de introdução ao pensamento de Solzhenitsyn, estarão sempre incompletas se não reproduzirem o reconhecimento constante da presença de

Deus, o qual reconhecimento marca de forma indelével a obra do autor:

*Our Father All-Merciful! / Don't abandon your own long-suffering Russia / In her present daze, / In her woundedness, / Impoverishment, / And confusion of spirit. / Lord Omnipotent! / Don't let, don't let her be cut short, / To no longer be. / So many forthright hearts / And so many talents / You have lodged among Russians. / Do not let them perish or sink into darkness / Without having served in Your name. / Out of the depths of Calamity / Save your disordered people.*

\*DOCENTE DA FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

POR CARLOS MARQUES DE ALMEIDA\*

## O Novo Mundo

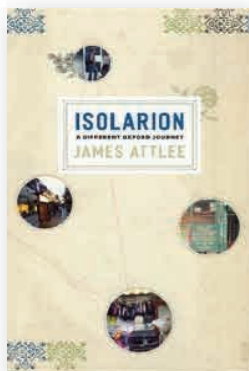
A melancolia é um sentimento de todos os tempos. *Isolarion – A Different Oxford Journey*, da autoria de James Attlee, é um livro melancólico, uma peregrinação urbana, fragmentária e pós-moderna numa rua anónima no lado errado de Oxford – Cowley Road. Em plano de fundo, as reflexões de Robert Burton, autor da obra *The Anatomy of Melancholy*, publicada no ano de 1621, parecem guiar e inspirar Attlee na sua aventura pelo “hinterland” de uma Inglaterra exótica, tropical e estranha. Se Robert Burton expiava a sua melancolia entre o Christ Church e as filas de livros na biblioteca da Bodleian, James Attlee viajou na rua e registou a vida de um velho lugar. Cowley Road já foi lugar de uma fonte milagrosa, morada de dragões no tempo do Rei Artur, zona de leprosos na Idade Média, refúgio de pobres e de indigentes no século XIX, subúrbio industrial em pleno século XX. A rua a leste de Oxford é hoje uma espécie de Torre de Babel, uma configuração do rosto confuso de um país multicultural. Distante de Elgar e da nostalgia de *Brideshead Revisited*, distante da melancolia agreste do som working class dos The Clash, Cowley Road irradia a melancolia de um lugar feito de todos os lugares e dispersa a nostalgia nos sons electrónicos de um DJ asiático no palco improvisado de um teatro Vitoriano.

Na aparente e simples melancolia, *Isolarion* é também um livro sobre política. Pode mesmo falar-se da existência de uma “Política da Melancolia”, aliás um tema recorrente no século XVII de Robert Burton. Se a melancolia atormentava o espírito do homem e condicionava a acção e disposição do corpo humano, os escritores e

filósofos do século XVII exploraram novas e outras conceptualizações da doença para poderem dissertar sobre as desordens do corpo político. Assim, o conflito político, a revolta popular, o predomínio da facção, a guerra civil, passaram a ser observados como representações da natureza melancólica do corpo político. Ao escreverem sobre a fonte e a origem da melancolia, escritores e filósofos reflectiam sobre as causas e as curas de uma doença que provocava a desordem no governo e a infelicidade nos governados. Sendo a política uma representação da

doença, a cura para a doença representava a solução para as convulsões da política. A regeneração do corpo político projectava assim o desejo de felicidade e a saudável ambição de uma nova ordem no mundo dos homens. Neste movimento marcado por uma irresistível lógica formal, estaria então definida uma associação entre o mal da Melancolia e a solução da Utopia. Em *The Anatomy of Melancholy*, e dissertando sobre as origens e o mal de uma vida indolente, Robert Burton associava esse particular modo de vida ao sintoma de uma doença que afectava o corpo político. O destino da nação jamais seria alcançado enquanto o espírito político não fosse libertado de tão séria enfermidade. Robert Burton idealiza então um reino imaginário,

um país perfeito, um império no qual a todo o homem seria vedada a possibilidade de uma existência indolente, ao mesmo tempo que o Estado suportaria toda e qualquer genuína necessidade. Em *Isolarion*, James Attlee não propõe nenhuma Nova Utopia. No entanto, Attlee projecta nos tempos de hoje um olhar e uma atenção que remetem para o carácter de uma tradição associada a uma “Política da Melancolia”, e em particular quando, na vulgaridade e no anonimato de Cowley Road, o Autor afirma



**Isolarion**  
**A Different Oxford**  
**Journey**  
**James Attlee**